



Do Purupuru à Covid-19: a pandemia entre a capital e o interior

Rafaele Cristina de Souza Queiroz

Assistente social, graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Eu deixei de contar os dias de quarentena e os dados de pessoas contaminadas e mortas no Brasil por esta síndrome respiratória quando passamos dos quarenta dias em casa. Minha maior preocupação eram as localidades do norte do Brasil, distantes das cidades e nas quais, de alguma forma, esse vírus chegaria: os interiores, aldeias e quilombos. E isso aconteceu, afinal as pessoas continuam transitando pelas fronteiras. A sensação de incredulidade para a letalidade deste vírus é um sentimento comum na mentalidade da maioria da população brasileira e o fluxo de informações falsas (*fake news*) chega, assim como o vírus. Além desta preocupação, eu carrego comigo a angústia de ser do grupo de risco, assim como a maioria das pessoas da minha família. Escrevo no presente, pois este medo e a pandemia ainda são uma realidade não superada no mundo e principalmente no Brasil, mas não os deixo definir os meus dias, mantenho-me tomando as medidas de segurança sanitária e respeitando a quarentena.

O vírus globaliza-se e, assim como a globalização, deixa as suas marcas nas camadas mais vulneráveis da sociedade. Este vírus não agiu de maneira indiferenciada, pois os ricos se contaminam e se curam, os pobres são contaminados e morrem. Os ricos buscam assistência médica nos melhores hospitais particulares, enquanto os pobres esperam um semelhante morrer para serem beneficiados com um leito e respirador no Sistema Único de Saúde (SUS). Nesta trama de espera por oxigênio, se desenrolam várias facetas da desigualdade social e, principalmente, o vírus da corrupção.

Vidas sendo ceifadas todos os dias e o segmento político em briga ideológica e produção de informações falsas a respeito da Covid-19. Xenofobia, ódio disseminado contra a ciência e contra os cientistas, manipulação de informações, censura de dados a respeito de contaminados e mortos, os mais jovens em crise de ansiedade e sem saber como digerir tantas informações, pois para maioria é a primeira pandemia, e no meio desta crise sanitária, desastre ambiental, calamidade pública, seja lá como decidem definir este momento.



O capitalismo cruel nos sufoca para sermos produtivos em casa (*home office*). Além de tentarmos sobreviver, temos que produzir em meio a tanta dor, angústia e incerteza. Até o momento ainda não temos um remédio que aja com sucesso no combate da Covid-19 e nem vacina. O isolamento e as medidas de proteção recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) são os meios mais plausíveis para evitar a proliferação deste vírus. E assim seguimos, tentando não sucumbir e torcendo pelas(os) companheiras(os) de pesquisa, para que seja desenvolvido mais rápido possível um remédio e vacina, para podermos respirar mais aliviadas(os). Percebo, entretanto, que o isolamento e a privação não ajudam na reabilitação de algumas doenças mentais, pois evidenciam mais ainda os transtornos emocionais.

Do urbano ao rural

O espaço é diferente, mas o comportamento frente à gravidade da pandemia é semelhante. Os primeiros quatro meses da quarenta que o Governo do Estado do Amazonas estabeleceu para inibir o avanço da COVID-19, passei em Manaus. Fiquei na cidade até meados de julho, e pela varanda da quitinete que estava morando, pude observar as paradas de ônibus e veículos com aglomerações; no início em março o uso de máscaras em locais públicos não era obrigatório, e o que eu via era algumas pessoas usando-as de forma tímida. A quantidade de pessoas diagnosticada com a COVID-19 seguia aumentando, e pela varanda eu observava o fluxo de carros e os ônibus e nada mudava, o que mudou foi que não via mais as crianças nas ruas indo ou vindo da escola, isso de fato não vi, mas o operário seguia indo para o Distrito Industrial normalmente, assim como outros trabalhadores, pegando os coletivos.

A pandemia apertou, e a vizinha que vendia laços feitos por ela, não vendeu nenhum nos meses de abril e maio. Tivemos que ajudá-la para que ela pudesse alimentar as duas crianças. Todos os adultos da casa da vizinha estavam desempregados e trabalham de forma autônoma, o auxílio emergencial de nenhuma das pessoas da casa dela foi aprovado no primeiro lote e a pandemia seguia apertando. Nas redes sociais os famosos ativamente na campanha “fiquem em casa”, com *selfies* de suas salas todas bem equipadas ou em suas piscinas refrescantes. Minha vizinha ficou em casa, porem o alimento faltou. Eu estava numa quitinete com duas crianças e mais uma pessoa adulta, dividindo três cômodos, no calor



manuara, sem espaço se quer para um banho de mangueira, porém seguia crente que a quarentena estava sendo eficaz. Esta pandemia tem sido severa para uma parcela da população: a parcela pobre e periférica.

A consciência coletiva está em falta neste período, a recomendação é não aglomerar, porém o bar próximo de onde eu estava morando não respeitou, todos os dias da quarentena funcionou e teve aglomerações. Entre maio e junho a rua sentiu falta de alguns bebuns, e o palpite coletivo foi certo: adoeceram e foram diagnosticados com a COVID-19.

Manaus seguia desrespeitando todas as medidas de segurança sanitária. Uma pessoa de casa tinha que sair, pois era necessário alguns se arrisquem, e sempre chegava com algo para narrar do mundo de fora, para mim e para as crianças que estavam confinadas em casa desde março. Ao ouvir como Manaus estava vivendo de forma normal, eu sentia impotência, pois eu estava respeitando e me privando de sair de casa pelo bem coletivo.

Eu entrava nas redes sociais e observava os stories de alguns *influencers* desrespeitando a quarentena, bem como as notícias de um número crescente de pessoas diagnosticadas e mortas pela COVID-19; nada assusta este povo, nem mesmo a possibilidade de não ter leitos! Nem mesmo quando os mortos passaram ser rostos próximos. Estão anestesiados com ideias de que esse vírus não é grave e que a mídia está provocando pânico social, pois isto é uma conspiração contra o presidente Jair Bolsonaro, o país já tinha enfrentado outras gripes e não tinha tanta mídia em cima. Um grupo de pessoas seguindo os ideais do presidente ignorava as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e marcavam manifestações. A Zona Leste de Manaus estava em pleno funcionamento, enquanto as unidades de saúde estavam aglomeradas de pessoas com COVID-19. A COVID-19 é real, mas não o bastante para vencer as *fakes news* geradas sobre ela.

Passou-se os quatro meses de quarentena, as coisas em casa começaram a ficar difíceis. Manaus já estava na condição flexibilidade e as viagens aos interiores liberadas. Durante a viagem para o interior, eu percebia pela janela do carro embaçada a cidade em pleno funcionamento, trânsito lento, ônibus com aglomerações, porém com a maioria das pessoas com máscaras num infinito leque de cores de máscaras e desenhos. Sinal fechado, o vendedor tinha água em uma mão e, na outra, máscaras. Em julho já era obrigatório o uso de máscaras e este novo acessório movimentava a economia gerada nos sinais das avenidas de Manaus. Exclama uma das crianças no carro: “Agora eles têm mais uma coisa para vender, as máscaras. Quem diria, né tia?”



Seguimos dando adeus à cidade e chegamos ao porto da Ceasa de Manaus. Pessoas indo e vindo enquanto uma ambulância fluvial estava chegando com uma pessoa com tanques de oxigênio. A COVID-19 estava fazendo mais uma vítima, um ribeirinho de algum interior próximo de Manaus. Os atendentes faziam uma manobra arriscada para retirar o paciente da embarcação sem retirá-lo da maca. Três pessoas não conseguiram, entrou mais alguém para ajudar, e assim seguiram-se os procedimentos: enquanto os socorristas estavam com roupas adequadas, semelhantes às que aparecem em filmes de ficção científica, outras pessoas sem proteção alguma estavam observando a cena de perto. E ao fundo, Manaus ia ficando, e a vontade de retirar a máscara para sentir o cheiro do rio era grande. Fui para frente da balsa e retirei, um alívio e um pensamento: “Até quando teremos que usar isto?”

Alguns dias no interior ouvindo as percepções de alguns moradores sobre a quarentena e a gravidade da COVID-19, percebo nas falas a incredulidade de alguns. O dia-a-dia da comunidade seguia normalmente, porém os idosos estavam mantendo-se em casa, assim como as crianças. Uma campanha forte para que os idosos permanecessem em isolamento foi feita, e muitos seguiram nos primeiros meses respeitando. Mas existia algo que estava deixando-os apreensivos. Observo tal inquietação pelos comentários das redes sociais oficiais da prefeitura municipal do Careiro, além do trânsito de gente vindo e indo de Manaus para o Distrito do Purupuru. Segundo os moradores com os quais conversei, foi assim que começou aparecer pessoas com COVID-19, pois se tivessem bloqueado a entrada na pequena comunidade, não teria tantos casos, ou pelo menos nenhum caso de COVID-19, de acordo com alguns moradores. “Menina, parecia época de férias aqui em março e abril, veio tanta gente para cá que ficamos com muito medo de isso complicar na frente!” afirmou-me uma moradora idosa. E foi exatamente o que aconteceu, os números de pessoas com COVID-19 aumentou neste período, de acordo com o boletim fornecido pela prefeitura, que passou a fazer barreira sanitária nas estradas que dão acesso ao Distrito do Purupuru.

Os bares e outros estabelecimento não seguiam as instruções para evitar aglomerações e impor o uso de máscara. Após uma portaria da prefeitura e fiscalização, os estabelecimentos se adaptaram, porém bares permanecem em pleno funcionamento. É comum no Distrito do Purupuru, como em outros interiores, no final da tarde as pessoas se reunirem para uma partida de futebol no campo da comunidade, e todos os dias da quarentena a programação seguiu normalmente. Um senso comum no interior, por parte dos jovens, é que este vírus não tem grande gravidade para eles, e isso é observável ao sair e ver quais



peças estão de máscara, são as pessoas mais velhas ou as que estão no grupo de risco; os jovens ignoram o entendimento que para a COVID-19 não existe faixa etária.

A sensação de segurança de que este vírus não seria grave aqui no interior foi compartilhada pela maioria dos comunitários: por mais que se saiba dos casos que crescem, afirmam os comunitários que a medicina popular já curou algumas pessoas. É comum no interior no quintal das casas cultivarem ervas medicinais, heranças ancestrais dos povos indígenas que viveram neste local. Nas casas que tem as ervas usadas para curar doenças respiratórias sempre tem alguém saindo com um punhado de mastruz para fazer um chá ou bater com mel de abelha e tomar. Porém, todo esse sentimento de que o Distrito do Purupuru está, de certo modo, resguardado pelo conhecimento da medicina popular, me remete ao contexto histórico do nome da comunidade.

Purupuru é uma doença parasitária cutânea endêmica que, segundo os mais velhos, foi o que dizimou os indígenas desta região, que não tinham conhecimento das ervas medicinais que poderiam combater o mal, o que causou a morte do povo que habitavam este lugar. Segundo os pesquisadores F. Nery Guimarães e Bichat Almeida Rodrigues, em um documento de março de 1948, do Instituto Oswaldo Cruz,

“Purú-purú” é uma palavra indígena que quer dizer "pintado" ou "manchado", peculiar à Amazonia Brasileira. Certas tribus, com alta incidência da moléstia passaram a ser cahamadas também "Purú-purús", o mesmo acontecendo com o rio onde habitavam - Rio Purús. 2) A doença existe na bacia do Rio Solimões e seus principais afluentes: Javari, Juruá, Purús, Içá, Japurá, e Negro (1)

Os tempos são outros, a medicina ocidental está cada vez mais avançada, contudo, ainda não é bastante para providenciar um antídoto em um curto prazo para a COVID-19. Já passamos no Brasil a marca de cento e quarenta mil mortos, o que pode se comparar a uma população de alguns municípios do Brasil. Já a doença purupuru foi um mal persistente, entrando para o primeiro relatório da OMS sobre doenças tropicais negligenciadas; segundo o relatório:

As treponematoses endêmicas, que compreendem boubá, sífilis endêmica e purupuru, são causadas por bactérias do gênero *Treponema*. No início da década de 1970, a prevalência das doenças tinha sido reduzida de 50 milhões para 2,5 milhões de casos depois da disseminação do uso de penicilina injetável de longa duração. Esse progresso não foi mantido (2).

Sigo torcendo para que a ciência ocidental tenha sucesso, assim como muitos estão tendo sucesso sendo tratados pela medicina popular, tomando o chá de jambu, alho e limão ou até mesmo com o milagroso mastruz. Que os quatro cantos do mundo respirem mais



confortavelmente. Que da China aos extremos do Brasil, do Caburaí ao Chuí tenham dias melhores. Que populações indígenas não sejam dizimadas pela COVID-19, como foi o povo que habitavam aqui no Distrito do Purupuru pela doença purupuru.

A economia é mai\$ importante do que a\$ vida\$?

Até a data de hoje, agosto de 2020, o Brasil já passou três milhões de pessoas diagnosticadas com Covid-19 e mais de cem mil de pessoas mortas, pairando pelos ambientes, assim como o vírus, em algumas pessoas o sentimento de incerteza, afinal a economia vale mai\$ do que a\$ vida\$? Pensando pela realidade capitalista, sim. Mai\$ vale lucrar do que evitar morte\$ em grande nível, como vem ocorrendo no mundo e no Brasil.

O Brasil segue sendo o líder em incompetência e no combate da disseminação do vírus. A reabertura do comércio em alguns estados já aconteceu ou está acontecendo, banalizaram a morte, corpos foram empilhados em frigoríficos e sepultados em valas comuns, sem dignidade e sem o último adeus de entes queridos. Essas imagens mostradas diariamente nos jornais não sensibilizam nem um pouco os empresários, um CPF pode substituir outro facilmente. Neste momento de desgraça social o capitalismo expõe e escancara toda a sua frieza e descaso com o bem viver de todas as pessoas. Se para alguém resta dúvidas sobre como esse sistema não tem o mínimo de empatia pela vida, sinto informar que esta pessoa está imersa e alienada a uma realidade cruel. Não digo isso da dona Maria diarista, ela está à margem dessa trama toda, porém é afetada diretamente como negra e pobre.

Este governo se consolidou com vários discursos que são verdadeiros atentados a existência dos brasileiros, um desses discurso é que são a favor da vida, mas esta pandemia colocou-os a prova para demonstrar que não são. E, como de conhecimento de uma parcela da população, as vidas deles e dos mais afortunados, dos empresários e bancários, o pobre, preto, indígena, a população menos favorecida não está dentro desta defesa pela vida, um governo genocida que faz pouco caso da vida e do existir de todos e todas brasileiras (os).

A pandemia acentuou mais as desigualdades no Brasil e uma delas em relação à população negra e indígena. Um governo que já vem desde o início de sua efetivação fragmentando e trucidando políticas públicas para a população negra e indígena, deixa mais evidente o seu potencial genocida. A população negra apresenta, de acordo com o



levantamento de dados da CNN ⁽³⁾ a partir dos boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, 57% de mortalidade em relação aos brancos, que representam 41% dos mortos por Covid-19. Isso já era esperado, infelizmente, a população negra se enquadra no grupo que não tem direito à vida neste governo, a população negra é a que está na fila do SUS a espera por um leito, “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

O Brasil se afunda no racismo estrutural que mata as pessoas negras e faz pouco caso de suas existências. Neste mesmo parágrafo trago a situação dos parentes indígenas, que infelizmente é delicada e dolorosa: os anciãos estão sendo ceifados por este vírus que foi levado para as aldeias por corpos brancos, desrespeitando a alteridade dos povos indígenas e, assim, continuando a agenda genocida. O povo preto e indígena se encontra cansado de resistir, porém não vão sucumbir, vamos resistir e ainda não é o fim.

Este texto surge em um diálogo com a minha avó, uma senhora angustiada por ficar em casa há tanto tempo:

- “É, minha filha, essa praga chegou aqui no Distrito do Purupuru”.

No quintal, enquanto chupava uma laranja, ela prossegue:

- “Eu acho que esse bicho (Covid-19) já me pegou, oh, passei uns tempos com dores nas costas e muita falta de ar e cansaço, mas eu tomei uns chás e um antibiótico, estou melhor, já, mas ele deixa alguma coisa reimosa no nosso sangue”.

E segue ela falando como este vírus alterou seu cotidiano. Ainda assim, visitou seu filho que foi diagnosticado com a Covid-19 e que vinha tendo episódios de pânico, pois tinha medo de morrer, e somente ela conseguia acalmá-lo.

O Distrito do Purupuru é um interior pequeno de Careiro-AM, fica a mais de cem quilômetros de Manaus, e é daqui deste interior que escrevo neste momento, refletindo como um vírus do outro lado do globo terrestre chegou até aqui. Hoje a sede do município contabilizou 1.216 casos de covid-19 confirmados, sendo 129 pessoas em período de transmissão e 17 óbitos confirmados por Covid-19.

A Covid-19 ultrapassou todas as fronteiras, sejam elas terrestres, sociais ou mentais, evidenciou fragilidades nos melhores sistemas de saúde e testa a empatia todos os dias, pois é necessário pensar mais do que nunca coletivamente para vencermos este período.

Notas



1. O Puru Puru da Amazônia (Pinta, Carate, Mal del Pínto etc) in Menórias do Instituto Oswaldo Cruz - Mem. Inst. Oswaldo Cruz vol.46 no.1 Rio de Janeiro Mar. 1948 [https://ww.scielo.br/pdf/mioc/v46n1/tomo46\(f1\)_135-197.pdf](https://ww.scielo.br/pdf/mioc/v46n1/tomo46(f1)_135-197.pdf)

2. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. Primeiro relatório da OMS sobre doenças tropicais negligenciadas: Avanços para superar o impacto global de doenças tropicais negligenciadas. Brasília: OPAS/OMS, 2012. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/7680>

3. ¹<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>